

DISPERSÃO E DIFUSÃO DAS TRADIÇÕES RUPESTRES NO NORDESTE DO BRASIL. VIAS DE IDA E VOLTA?

Gabriela Martin¹
Irma Asón-Vidal²

RESUMO

Ao longo das pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas décadas no Nordeste do Brasil sobre registros rupestres, detectou-se a existência de características comuns entre os grafismos documentados nas diferentes províncias rupestres da região. Esse fato indica a existência de processos de difusão das ideias com a dispersão dos grupos humanos. Neste artigo, se apresenta a hipótese de trabalho sobre a origem das tradições de pintura rupestre no Nordeste brasileiro, o epicentro da tradição Nordeste, que se localiza na região de entorno da Serra da Capivara, além da tradição Agreste, localizada na metade ocidental de Pernambuco tendo como eixo difusor o Rio São Francisco, com suas vias de ida e volta em forma de dispersão, que ainda são caracterizadas atemporais pela falta de dados científicos. Essa hipótese pretende conduzir as futuras pesquisas para o estabelecimento de correlações entre as representações rupestres identificadas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradições rupestres; Nordeste do Brasil.

ABSTRACT

Over the last decades of archaeological research conducted in northeastern Brazil on rock records, an existence of common features was detected between the graphic signs documented in the different provinces of the region cave. This indicates the existence of a process the diffusion of ideas along with dispersion of human groups. This article presents the working hypothesis on the origin of the traditions of rock painting in northeastern Brazil: the epicenter of the Northeast Tradition would be located in the region around the Serra da Capivara and the rugged tradition in the western half of Pernambuco State being the São Francisco River as the point of diffusion working as a round trip travel with wave dispersion forms that are timeless yet the lack of scientific data. This hypothesis aims to lead to future researches towards establishing correlations between the identified rock art representations.

KEYWORD: Rock art; Archeology; Northeastern Brazil.

¹ Docente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

² Pesquisadora, Fumdham.

Com aumento dos dados arqueológicos levantados nas últimas décadas na região Nordeste do Brasil, especialmente no que se refere à catalogação e análise de sítios com pinturas e gravuras rupestres pré-históricas, detectou-se a existência de características comuns entre os grafismos documentados nas diferentes províncias³ rupestres da região.

Separamos aqui os conceitos *difusão* e *dispersão*. *Difusão* significa a expansão das ideias. Consideramos que as ideias avançam mais rapidamente que os homens, e os conhecimentos se difundiram pelo contato entre os diversos grupos, adotando aspectos culturais uns dos outros. A dispersão seria a expansão dos grupos humanos pré-históricos pela ampla geografia do semiárido nordestino, portadores às vezes dos seus próprios elementos culturais, num processo pelo qual rasgos culturais são transferidos de uma sociedade a outra através da migração, o comércio ou a guerra.

Desde as últimas décadas do século XIX, os defensores das teorias difusionistas preconizaram que a proximidade entre as culturas com frequência influenciara na direção e no ritmo das mudanças, moldando detalhes específicos da vida sociocultural. Autores como Ratzel e Boas defendiam que a difusão criava áreas culturais ou blocos de culturas similares e adjacentes (Trigger, 1992).

18

Em 1985, Carl Lamberg-Karlowsky utilizou o conceito de *longue durée* do historiador F. Braudel, para fazer a distinção entre os processos gradualmente acumulativos e os períodos dominados por forças centrífugas e centrípetas alternas que transformaram a ordem social e cultural e alteraram as relações entre as sociedades (Trigger, 1992b). Atualmente, há pesquisadores que consideram que as sociedades podem se ver alteradas não só por pressões políticas e econômicas, mas também pelos estímulos externos emprestados de sociedades vizinhas. Pode-se aceitar o conceito de *empréstimo cultural* como resultado inevitável da transferência de informação entre diferentes grupos sociais, pois toda atividade humana, seja no campo linguístico, tecnológico, social ou artístico, é potencialmente transferível. Porém, não está provado que a transferência seja automática ou inevitável, pois em cada grupo existem tradições com tendência a proteger seu próprio legado das contaminações externas. Assim, todas as culturas selecionam aquilo que resulta aceitável antes de recebê-lo. Por outra parte, a aceitação de um elemento procedente de uma sociedade alheia pode supor a sua descontextualização, sofrendo mudanças no seu significado, forma, uso ou função até o ponto de virar irreconhecível.

Mesmo sem elementos comprobatórios, podemos pensar que tenham acontecido diversas diásporas pelo crescimento demográfico dos diferentes grupos humanos que habitaram

³ Utilizamos o termo “províncias rupestres” para indicar as áreas mais significativas de acumulação de conjuntos rupestres no Nordeste do Brasil sem a conotação política das divisões por estados.

a Região Nordeste do Brasil, embora essa possibilidade fique no terreno da conjectura, pois não há provas que determinem a existência de pressão demográfica entre os povos indígenas da região. Todavia, a difusão de mitos e de técnicas de realização das pinturas rupestres pré-históricas está demonstrada, basta conferir as representações existentes nas províncias rupestres da região, com a repetição dos temas representados, das cenas emblemáticas representativas das tradições assinaladas e das técnicas empregadas, que se repetem em áreas muito distantes umas das outras.

A descoberta dos numerosos abrigos pré-históricos pintados no Parque Nacional Serra da Capivara, seguramente a maior densidade por quilômetros quadrados em nível mundial, causou tal impacto durante anos que foi considerado como um caso único e indiscutível, não comparável a nenhum outro conjunto gráfico no Brasil. O estudo, conhecimento, a classificação, divisão, identificação e, especialmente, as tentativas de situar os registros gráficos no tempo, já que no espaço ficaram limitados à área do Parque, tomaram décadas de pesquisa. As riquezas das formas de representação registradas na área do Parque Nacional e suas proximidades criaram uma espécie de *onphalos*⁴ de referência, do que era parecido ou próximo das pinturas da Serra da Capivara ou do que seria marginal e menos interessante. A ideia do *onphalos* de referência pode ser comparado ao conceito de *Kulturkreise* (círculos culturais), que definiu a existência de áreas nucleares de difusão das culturas, conceito desenvolvido por Frobenius, (Scarduelli, 1977). Mas o Parque Nacional Serra da Capivara não está numa ilha nem o mito da ilha Brasil forma parte da arqueologia brasileira contemporânea. Já se passou muito tempo desde que se ventilara a vinda de fenícios e outros povos imaginários do oriente mediterrâneo, e hoje não mais se duvida de que a evolução das culturas pré-históricas do Brasil se realizou aqui mesmo.

19

Da mesma forma que uma das hipóteses levantadas por Niède Guidon e que acompanhamos (Martin; Guidon, 2010) seria a chegada de grupos humanos via Vale do Parnaíba, pelo norte e Vale do São Francisco, do leste até os refúgios da Serra da Capivara, caminhos de ida e volta acompanharam também as tradições rupestres num fluxo atemporal que nos obriga a procurar nos espaços e com a grande dificuldade de associá-los aos tempos.

Determinar as origens das manifestações rupestres a partir de um epicentro de povos aborígenes é tarefa impossível, inclusive porque a expressão *povo aborígene* não pertence à linguagem científica e é apenas a simples constatação de que em muitos lugares do planeta, antes da chegada dos povos históricos que ocuparam um lugar sobressalente na cena, havia outras populações que foram aniquiladas, submetidas ou assimiladas, e pensava-se na

⁴Onphalos, do grego, era o símbolo do centro a partir do qual se dava a criação do mundo e está presente em muitas culturas da antiguidade.

existência de povos que teriam ocupado aqueles territórios desde as origens. Mas sabemos hoje, que a não ser da África, com a primeira migração do *h. sapiens*, nenhum povo é *ab-origine* de lugar nenhum, porque todos chegaram de algum outro lugar (Pereira-Menaut, 2012). Mas, embora a investigação contemporânea assim o demonstre, a historiografia está cheia de sentimentos preconceituosos e até nacionalistas em relação às origens dos povos.

Feitas essas ressalvas, consideramos que na região da Serra da Capivara, no SE do Piauí, houve um denso núcleo de produção rupestre conhecido como *tradição Nordeste*, que irradiou em várias direções, mas que também recebeu influências de outros grupos chegados posteriormente num devir de ida e volta enriquecedor. Assim mesmo, em algumas áreas da região, os registros rupestres apresentam uma complexidade ímpar quando comparada com outras províncias rupestres do Nordeste brasileiro. No estado atual do conhecimento pode-se supor que o centro da tradição Nordeste seja o sudeste do Piauí, de onde se estendeu para outras regiões (Figura 1).

20

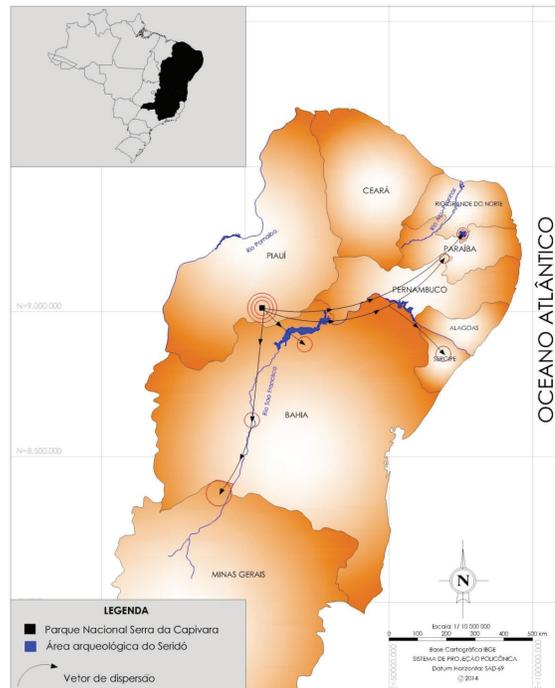


Figura 1: Mapa da dispersão da tradição Nordeste.

Apresentamos como hipótese de trabalho a existência de três áreas de difusão: o Vale do São Francisco, desde o sul de Minas Gerais até Sergipe, onde na região do município de Canindé foram assinalados abrigos com as características da tradição; a Chapada Diamantina e a área de Central na depressão sanfranciscana, na Bahia; a região do Seridó,

no Rio Grande do Norte de onde se expandiu pelo Nordeste da Paraíba; e Buíque e o Parque Nacional do Catimbau, em Pernambuco.

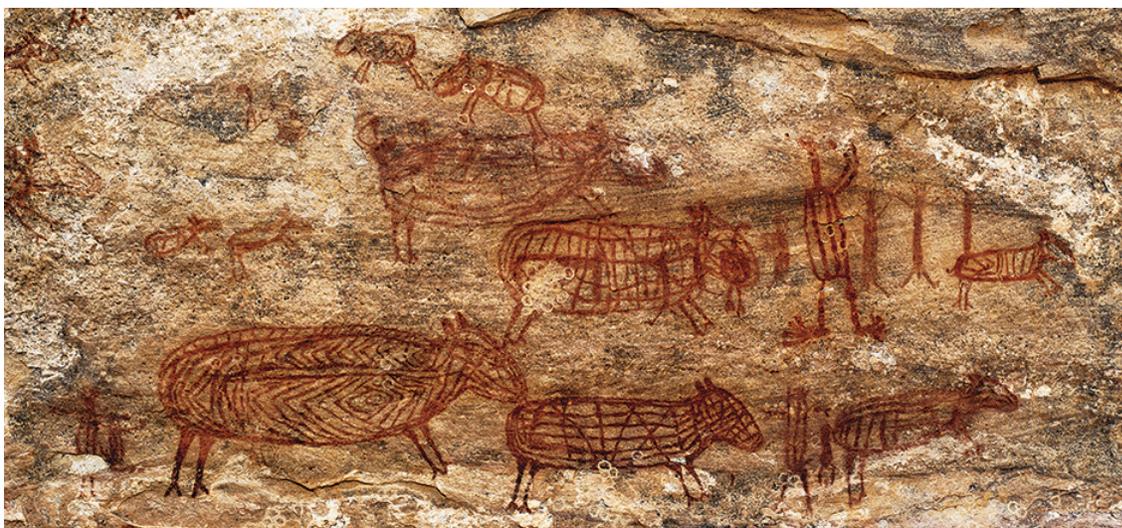
Um mapa inicial sobre essa hipótese estaria incompleto a partir do conceito de dispersão que estamos realizando. Não houve, porém, uma dispersão linear, mais bem vagas atemporais por enquanto, pois nos falta ainda os dados cronológicos que situariam essa dispersão no tempo. Observamos, também, que a grande extensão que as tradições rupestres alcançaram são outro indicador da mobilidade dos grupos indígenas, que se manteriam, inclusive, em época colonial quando procuraram refúgio em áreas mais afastadas do vale sanfranciscano ante o avanço inexorável dos colonizadores. A entrada dos homens pré-históricos no continente pelo Vale do São Francisco também não está descartada, como milênios depois fariam os missionários franciscanos e jesuítas na sua obra evangelizadora. Num contínuo fluir de ida e volta no entorno da grande bacia, grupos humanos chegaram até a região do atual Parque das Confusões, no sudeste do Piauí, assim como grupos procedentes da Serra da Capivara se expandiram, também, pelos vales da depressão sãofranciscana. Essas afirmativas não são infundadas, pois estão baseadas nos materiais coletados nas pesquisas arqueológicas, como são as indústrias líticas, na expansão das tradições rupestres e, posteriormente, na difusão das práticas ceramistas e das suas características técnicas.

21

Nas pesquisas sobre arte rupestre realizadas na região do alto/médio S. Francisco, nos rios Peruaçu e Cochá, na região de Montalvânia, assinalaram-se conjuntos gráficos da tradição Nordeste que muito se assemelham ao chamado complexo Serra Talhada do Parque Nacional Serra da Capivara (Ribeiro, 1997). Merecem também atenção as gravuras figurativas “tipo Nordeste” de zoomorfos (aves, macacos e veados) e antropomorfos, de Montalvânia, na Lapa do Gigante, que não existem em outras regiões do Nordeste. São gravuras feitas por picoteamento fino que permitiu o desenho das figuras humanas e animais. Trata-se de um caso singular, no qual numerosas figuras “tipo Nordeste” aparecem pintadas e gravadas. Mas, além dos antropomorfos “Nordeste” registraram-se no mesmo sítio “grades” típicas das tradições São Francisco e Agreste, tão repetidas e recorrentes nas pinturas e gravuras do Nordeste, mas que não se encontram na Serra da Capivara. Por outro lado, as associações de zoomorfos e possíveis corpos celestes presentes nos conjuntos de Montalvânia e repetidas na área de Central, na Bahia, se integram em outro horizonte rupestre longe do Parque Nacional.

Mas há também, dentro da complexidade de tradição Nordeste, variedades que não migraram ou que parecem não ter migrado que não encontramos fora da Serra da Capivara, que são as do período considerado mais recente. São grupos de figuras antropomorfas que apresentam o tronco geometrizado, transformado em retângulos providos de

braços e pernas, o que ocorre também nas figuras de cervídeos de troncos geométricos, grafismos que contrastam vivamente com as linhas sinuosas e as tendências curvilíneas que caracterizam as figuras humanas do grupo chamado Serra da Capivara, considerado anterior. É especialmente interessante observar-se como, apesar da rigidez dos corpos geométricos, consegue-se imprimir dinamismo a partir, apenas, do movimento de braços e pernas. O mesmo acontece com as figuras de animais, como os troncos retangulares dos veados e as capivaras preenchidas com linhas oblíquas em diferentes direções cobrindo todo o corpo (Figura 2). Merecem especial atenção as figuras de contorno aberto (Cisneiros; Pessis, 2011). Consideradas específicas no Parque Nacional, mas que foram documentadas posteriormente em quantidades significativas, na região do Tocantins.



22

Figura 2: Zoomorfos e antropomorfos com desenhos internos característicos do Parque Nacional Serra da Capivara.

Um dos elementos caracterizadores da tradição Nordeste, os grafismos chamados *emblemáticos* (Pessis, 2013) têm sido identificados em diferentes regiões, indicando a difusão dos símbolos, embora a técnica utilizada seja completamente diferente, o que é especialmente interessante, porque indica a adoção de ideias. Estamos nos referindo às cenas cujo significado não conhecemos, tais como as *tríades* (Figura 3), as figuras *costa contra costa* (Figura 4) e as *cenar da árvore* (Figura 5), presentes na Serra da Capivara, no Seridó, RN; na Chapada Diamantina, BA; e em no Vale do Catimbau e em Buíque, PE. Merecem também especial atenção as figuras humanas da tradição Nordeste, subtradição Seridó, onde a cabeça aparece representada de perfil em forma de castanha-de-caju (*Anacardum occidentale*). Esse padrão de representação foi também documentado em Minas Gerais, na Bahia e na Serra da Capivara, embora em menor número, o que indica um compartilhamento de códigos pictóricos (Figuras 6 e 7).

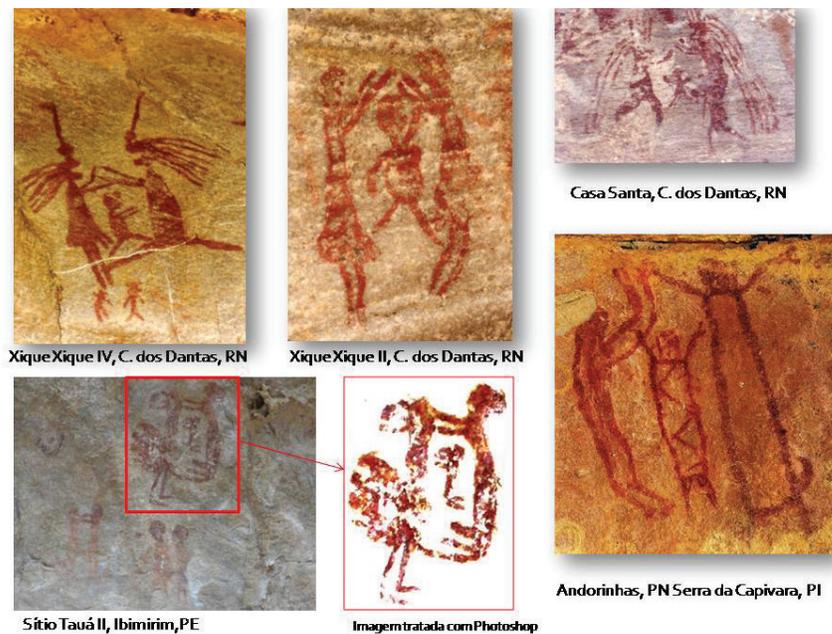


Figura 3: grafismos emblemáticos denominados tríades.

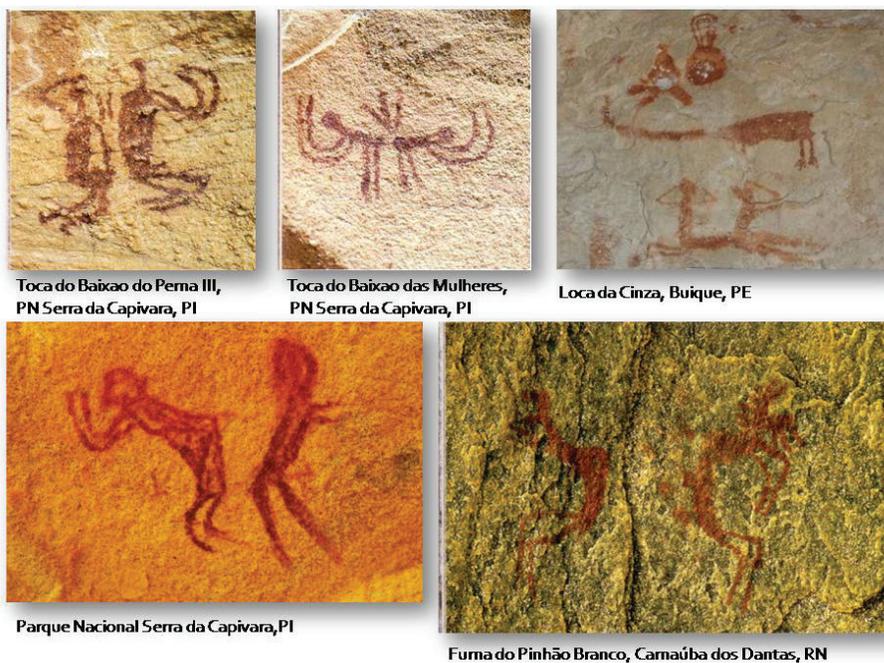


Figura 4: grafismos emblemáticos denominados costa contra costa.



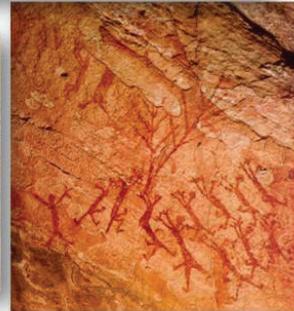
Xique Xique II, C. dos Dantas, RN



Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta, PN Serra da Capivara, PI



Toca Da Entrada do Baixio da Vaca, PN Serra da Capivara, PI



Toca da Extrema II, PN Serra da Capivara, PI

24

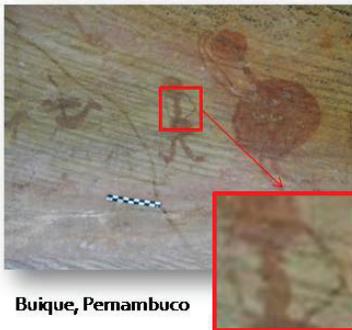
Figura 5: Cenas denominadas da árvore.



Xique Xique I, Carnaúba dos Dantas, RN



Lapa do Balet, Matozinho, MG



Buique, Pernambuco



Grotão, Serra da Capivara, PI
Seis antropomorfos pintados sobre seixo



Serra dos Caboclos, Morro do Chapeu, BA

Figura 6: representações antropomorfas com “cabeça de caju”.



Arapuã do Gongo, PN Serra da Capivara, PI



Olho d'Água das Gatas, Parelhas, RN



Sítio do Veado, Buique, PE



As Paridas IV, Lençóis, BA

Figura 7: Representações de veados.

As tradições São Francisco e Agreste apresentam cada vez maior complexidade e por isso também maiores desafios. Hoje, vemos como elas estão aparentadas em pontos de junção geográfica nos vales da grande bacia sanfranciscana. Para a tradição Agreste colocamos como hipótese de trabalho seu epicentro na metade ocidental de Pernambuco e o eixo de dispersão no Vale do Rio São Francisco (Figura 8). Essa hipótese surgiu a partir da obtenção de novos dados arqueológicos. Por um lado, o conhecimento arqueológico do sudeste do Piauí, ampliado graças às pesquisas iniciadas nos últimos anos, no Parque Nacional Serra das Confusões e no corredor ecológico que liga as duas unidades de conservação. Nessa nova área, foram também descobertos sítios pré-históricos com caracterizadores diferentes dos assinalados na Serra da Capivara, particularmente na forma dos enterramentos, na escolha dos sítios ocupados e, muito especialmente, nas representações rupestres. Por outro lado, também foi ampliado, nesses últimos anos, o conhecimento arqueológico na metade ocidental de Pernambuco, no sul da Paraíba e sul do Ceará, resultado dos trabalhos realizados pelo Inapas⁵ dentro do Projeto de Integração das bacias setentrionais com o Rio São Francisco.

⁵ Instituto Nacional de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semiárido - Inapas.

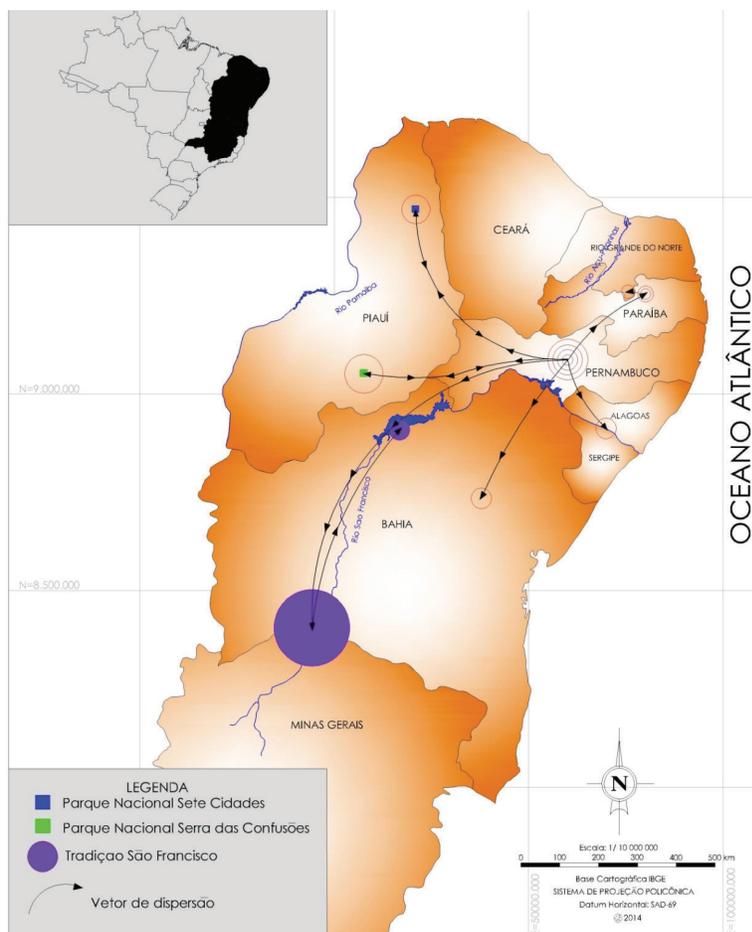
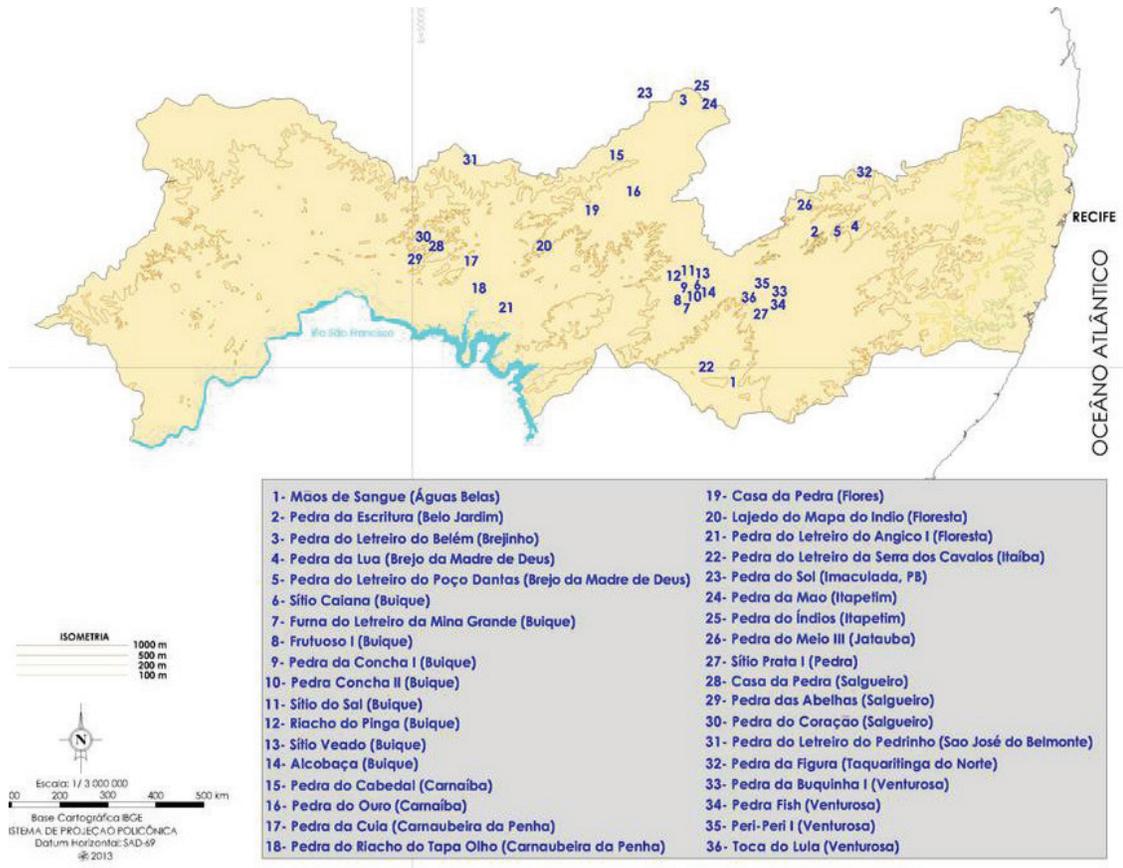


Figura 8: Mapa da dispersão da tradição Agreste.

Já nos havíamos referido em outros trabalhos (G. Martin, 2013) à presença de marcas de mãos associadas a pinturas da tradição Agreste, mas é importante ressaltar que não se trata de marcas simples de mãos, pois essas registraram-se em praticamente todos os continentes, desde a mão em negativo da Gruta de Altamira até as centenas registradas na Caverna de las Manos, na Patagonia. No caso da tradição Agreste, as marcas de mãos apresentam formas específicas, que podemos considerar grafismos emblemáticos dessa tradição. As palmas das mãos foram previamente desenhadas e depois colocadas como um carimbo sobre a rocha; noutros casos, o desenho da palma foi feito diretamente no suporte rochoso e depois colocados os dedos. Têm sido chamadas *mãos carimbadas*, *pintadas*, *inventadas* e em vários casos apresentam cuidadosa complexidade no desenho. Somente em Pernambuco foram registrados 36 sítios da tradição Agreste (Figura 9) com marcas de mãos que apresentam as características citadas. Estão presentes também em Apodi, RN (Figura 10); nos parques das Confusões e Sete Cidades, PI; mas não aparecem na Serra da Capivara, onde tradição Agreste é menos significativa (Figura 11).



27

Figura 9: Mapa da localização de sítios rupestres com representações de mãos carimbadas.

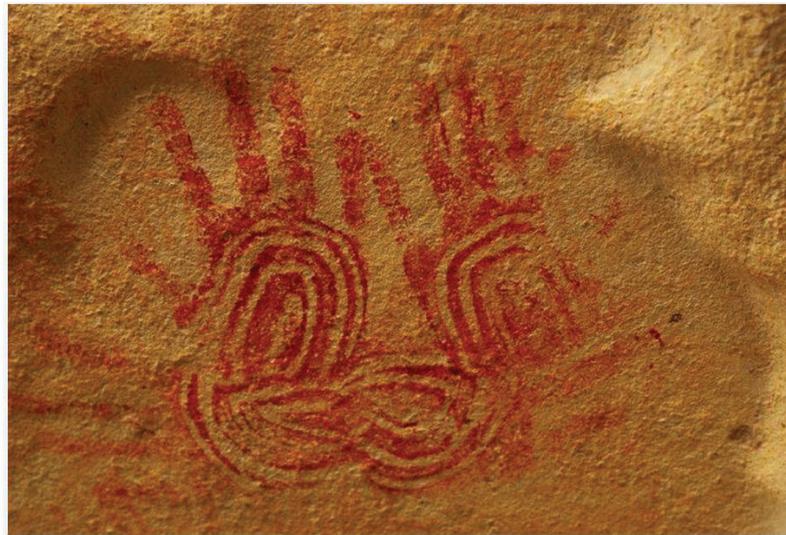
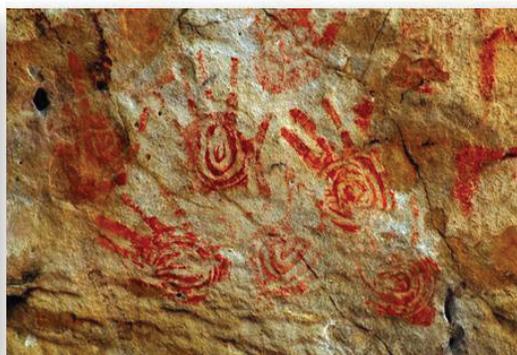


Figura 10: Representações de mãos carimbadas no Sítio Lajedo de Soledade, Apodi, RN.



Parque Nacional Serra das Confusões, PI



Parque Nacional Sete Cidades, PI



Boqueirão da Onça, Campo Formoso, BA



Furna do Letreiro da Mina Grande, Buíque, PE

28

Figura 11: Representações de mãos carimbadas em diversas regiões do Nordeste do Brasil.



Figura 12: Mão carimbada no sítio Grotta dos Caboclos no Boqueirão da Onça, Sento sé, Bahia.

Ainda no município de Sento Sé, na Bahia, na depressão sanfranciscana, no sítio Grota dos Caboclos, no Boqueirão da Onça, encontramos uma série de painéis rupestres pintados com numerosas superposições, mas, que na sua maioria podemos filiar à tradição Agreste. Acumulam-se nesse sítio grafismos que repetidamente temos relacionados com a tradição Agreste como "grades", possíveis figuras 'astronômicas', antropomorfos e zoomorfos isolados de descuidada feição, e onde não faltam, também, marcas de mãos situadas, principalmente, no alto dos painéis. A maioria são marcas de mãos simples, mas há também marcas cuidadosamente pintadas, com as características que temos assinalado indicadoras de uma prática pictórica profusamente difundida em grandes áreas do Nordeste brasileiro.

Partindo das hipóteses levantadas sobre a origem das tradições de pintura rupestre no Nordeste brasileiro, tendo como eixo difusor a Bacia do Rio São Francisco, pretende-se estabelecer correlações entre as representações rupestres identificadas que consideramos vias de ida e volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

29

BARBOSA, R. J. N. *Perfil Gráfico das Pinturas Rupestres Pré-históricas do Vale do Moxotó e Quadrante Nordeste da Bacia Hidrográfica do Pajeú* - Pernambuco, Brasil, Tese de doutorado, Pós-graduação em Arqueologia, UFPE, 2013.

CISNEIROS, Daniela; PESSIS, Anne-Marie. Grafismos de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara, PI. *Clio-Arqueológica*, V. 26-2, UFPE, Recife, 2011, pág. 207–335.

GUIDON, N. & MARTIN, G. 2010. Difusão e diáspora na arte rupestre do Nordeste do Brasil: a tradição Nordeste. *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009. Fundamentos IX*, 2: 17-18. São Raimundo Nonato, Fundação Museu do Homem Americano.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. UFPE, Recife, 5a Ed. 2013, pag.288.

MARTIN, G. & PESSIS, A-M. 2002. Da Serra da Capivara – PI ao Seridó – RN. Os caminhos da tradição Nordeste da Arte Rupestre do Brasil. *Fundamentos II*: 252–269.

PEREIRA-MENAUT, G. Prólogo ao livro: *Los Iberos ayer y hoy. Arqueologias y Culturas*. Ed. Marcial Pons, Madrid 2012.

PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-história. (2 a Edição) Síntese dos biomas e as sociedades humanas no Parque Nacional Serra da Capivara. VOL.I, 2014.*

RIBEIRO, Loredana. Os conjuntos gráficos do alto médio São Francisco. Caracterização e sequências sucessórias. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte vol. 17/18, 1997, pág. 243–286.

RIBEIRO, Loredana. O acervo gráfico da Lapa do Gigante. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte vol. 17/18, 1997, pag. 331–406.

SCARDUELLI, P. *Introducción a la antropología Cultural*. Villalar, Madrid. 1977, pág.26.

TRIGGER, Bruce. *Historia del Pensamiento Arqueológico*. Crítica, Madrid, 1992 (a) pág. 147; (b) pág. 310.